

A CONFORMISTA

AMNOSTRA

ANMOSTRRA

ALBA DEDEU

A CONFORMISTA

TORDSILHAS

A Conformista

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da editora Alaúde Editora Ltda., do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 ALBA DEDEU

ISBN: 978-65-5568-304-2

Translated from original La Conformista. Copyright © 2024 by Alba Dedeu. ISBN 978-84-127930-9-3. First published by L'Altra Editorial. Published by arrangement with MB Age, the owner of all rights to publish and sell the same. Portuguese language edition published by Alaúde, Copyright ©2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D278c

1.ed.- Dedeu, Alba.

A conformista / Alba Dedeu ; tradução de Evelyn Diniz. – Rio de Janeiro: Tordesilhas, 2025.

96 p.; 15,7 x 23 cm.

Título original: La Conformista.

ISBN 978-65-5568-304-2

1. Literatura catalã. 2. Romance contemporâneo.
3. Narrativas femininas. I. Título. II. Tradução.

CDD 869.932

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura catalã contemporânea – 869.932

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutùs

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Luana Maura & Viviane Corrêa

Tradução: Evelyn Diniz

Copidesque: Mariana Naime

Revisão: Carol Colfield

Diagramação: Vanessa S. Marine



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



albr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES DE LIVROS

ASSOCIADO



AMNOSTRA

A Jordi

ANMOSTRRA

I

O cheiro de frango grudava na minha pele, no meu cabelo e nas minhas roupas, e me parecia que nunca me livraria dele por mais que me lavasse, como se fizesse parte de mim, como qualquer desvio de caráter. Com ele acontecia o mesmo, desde o cabelo e as camisetas do Metallica até as cuecas e as meias. O odor nos acompanhava até em casa e ele se espalhava pelos quartos e pela sala de jantar, impregnava os lençóis, as toalhas, os sapatos, as cortinas, e só respirávamos ar fresco se saíssemos para a varanda. Não havia o que fazer: tínhamos uma loja de frango assado e a nossa casa e nós mesmos cheirávamos a frango assado, da mesma forma que os jogadores de futebol andam pelo mundo com as pernas tortas, os pedreiros têm as unhas acinzentadas de pó de cimento e os caminhoneiros têm o braço esquerdo queimado de sol. Nos primeiros meses, eu ventilava a casa dia e noite, até mesmo no inverno, tentando me livrar daquele cheiro. Tomava banho e lavava o cabelo de manhã e à noite, lavava nossas roupas todos os dias. Depois comecei a relaxar um pouco, porque não havia o que fazer. No entanto, eu não queria me render. Nem ao cheiro, nem ao resto. Nos primeiros dias, ah sim, nos primeiros dias eu me maquiava com capricho e usava salto alto para ir trabalhar, mesmo que as trocasse assim que chegava por aqueles tamancos que as enfermeiras usam e que são tão confortáveis. E me perfumava. Quando se tem vinte anos, “não parecer desleixada” e estar apresentável o tempo todo parece crucial, pelo menos era o que me parecia. Olhava com espanto as mulheres de meia idade

que saíam de casa com as varizes à mostra, o buço por fazer, os braços flácidos e gordos, e dizia a mim mesma que nunca seria como elas, acontecesse o que acontecesse, independente da profissão que exercesse ou da idade que tivesse. Eu precisava resistir, portanto, àquele “desleixo” espantoso. Aguardei menos de um ano. No primeiro verão na loja, durante a primeira semana de calor forte, terminei com toda a maquiagem borrada em volta dos olhos. Olhei-me no espelho do banheiro dos fundos quando fechamos às cinco e me disse “Você parece um panda”. Mas ainda não estava disposta a me render. O dia seguinte era sábado. Deixei-a sozinha por um momento, quando ainda não tínhamos começado o trabalho pesado, e fui até a perfumaria em frente. Pedi um lápis de olhos e uma máscara de cílios à prova d’água e não me importei com o quanto eram caros. Voltei triunfante, me tranquei no pequeno lavabo e maquiei os olhos. Ele já tinha acendido os assadores e começado a suar, e enquanto eu me maquiava ali dentro, comecei a suar também. Respirava fundo enquanto me encorajava. Quando saí do banheiro, ele me olhou com uma careta que tentava ser um sorriso, suava em bicas e tomava goles de uma garrafa de água com um bloco de gelo dentro. Percebi que ele estava de mau humor. Tinha queimado o pulso e pressionava uma garrafa contra a pele em vez de ir ao banheiro passar pomada, mas me contive e não disse nada, porque ele poderia ralhar comigo: “Você não está vendo que tenho trabalho demais?” Naquele forno, era fácil perder a paciência. Faltavam duas semanas para fecharmos para as férias e não paramos de vender frangos até as quatro da tarde. Depois, já quase sem conseguir ficar de pé, encharcados e meio desidratados, limpamos e arrumamos a loja. Quando voltamos para casa, eu já tinha esquecido de tudo, menos do sofá: o convidativo sofá na sala à meia-luz, a corrente de ar entrando pela porta aberta da varanda, com as cortinas ondulando, e o pátio interno. Nem percebi que ele também se deixava cair com o mesmo abandono do outro lado do sofá. Acordei uma hora depois e, quando

fui ao banheiro, dei de cara com o mesmo panda que já tinha visto no dia anterior me olhando sonolento. “O que você queria que eu dissesse, mulher!”, exclamou durante o jantar, quando reclamei do seu silêncio, já de banho tomado e com o rosto limpo, mas ainda cheirando a frango e mastigando frango. “Não precisa encher o rosto com tudo isso.” “Encher o rosto com tudo isso”... repeti baixinho, entre os dentes, e embora tivesse vontade de dizer muito mais, engoli as palavras outra vez. *Talvez fosse isso mesmo, talvez fosse melhor deixar pra lá*, pensei. E, por duas semanas, deixei. Quando reabrimos, quinze dias depois, com a pele dourada pelo sol de L’Estartit, eu me sentia mais animada. Era setembro, o calor começava a ceder, e decidi que valia a pena dar outra chance àqueles cosméticos caros. Reabrimos num domingo. Às duas em ponto, no meio da enorme fila de gente — que não diminuía nunca, por mais rápido que ele tirasse os frangos do assador e os deixasse alinhados no balcão, e por mais ágil que eu fosse em desmembrá-los, colocá-los nos sacos e regá-los com o molho —, com o suor escorrendo em rios pelas têmporas, pelas costas e pelos cotovelos, apareceu a velhinha que vinha todo domingo buscar seu meio frango com duas batatas. “Pequenas, menina, quero pequenas e com duas colheradas de molho.” Quando lhe entreguei a sacola, ela me olhava com os olhos semicerrados e um sorriso estranho. Ao me dar o dinheiro, aproximou o rosto do balcão e me disse em voz baixa, mas não tão baixa assim: “Desculpe por dizer isso, menina, mas você está um caco.” Dei uma risadinha sem graça. Balbuciei um “obrigada”, e enquanto a via se afastar, não consegui evitar desejar que se engasgasse com um osso — embora ela tivesse acabado de me fazer um favor. “Com licença um instante”, disse à garota convencida que estava diante de mim, que me pareceu conter o riso, com os óculos Ray-Ban usados como tiara. No minúsculo lavabo, ensaboei o rosto com raiva, pensando nos entardeceres em L’Estartit, na espreguiçadeira, no gim-tônica e na brisa fresca na varanda da sogra. O sabão entrou nos meus olhos e eles começaram

a arder terrivelmente. Agora estavam limpos, sim, mas vermelhos como brasas acesas. Não importava. Definitivamente, eu precisava deixar aquilo de lado, aquela história de me maquiar. Era um luxo para as férias. Duas semanas por ano. Naquele forno, encharcada de suor, estressada com a fila que não parava de crescer, olhei o relógio: eram só duas e cinco. Naquele forno, a lembrança das brisas de L'Estartit voltava com insistência, distante, como se fosse coisa da juventude, idílica e improvável como uma cena de filme. Um segundo, e já tinha passado. *Agora, só no ano que vem*, pensava, enquanto enxaguava os olhos mais uma ou duas vezes. E eu também pensava: *Então é isso? É só isso, e nada mais, a sua vida?* Ouvei a voz do meu marido: “Eva, você vem ou não?” Enxuguei o rosto e corri de volta para o balcão. A convenida de Ray-Ban estava de cara feia, meu marido também, a fila era interminável: rostos e mais rostos, suados, famintos e impacientes. E naquele dia, enquanto voltávamos para casa pela sombra, arrastando os pés, exaustos, com o frango do jantar nas mãos, joguei os cosméticos caros numa lixeira. Não me permitia nem sequer pensar na palavra “desleixo”; o que importava era termos terminado mais um dia sem jogar um frango na cabeça um do outro, sem estrangular nenhum cliente impertinente, sem dizer “Hoje sim, hoje é o último dia que aguento isso.” Dormimos uma hora e meia no sofá e, ao acordar: “Vamos tomar uma cervejinha?” Bebemos na varanda, ainda com o cheiro forte de frango no corpo, entorpecidos, sem forças nem para conversar. A rotina era tomar banho, jantar, adormecer em frente à TV e depois ir para a cama. E era isso. Mas a vida era assim para todo mundo, não era? Eu não tinha certeza, mas os dias passavam. Até que, não sei quanto tempo depois, num domingo tão esmagador quanto os outros, entramos em casa à tarde e, quando nos largamos suados no sofá, senti que algo tinha mudado. A frustração tinha se apagado, assim como minha vaidade de menina. Havia cansaço, sim, mas também havia calma. Algo havia morrido? A fantasia de uma vida mais

glamourosa, mais brilhante? Fosse o que fosse, era isso que me permitia seguir em frente; para voltar atrás, já era tarde demais. Repeti isso a mim mesma, muito séria, diante do espelho de casa, numa noite em que, para variar, saímos para tomar uma cerveja fora. Justo numa noite em que eu não podia beber álcool e pedi um refrigerante. Eu estava grávida da Marionna, faltavam algumas semanas para o parto. Eu tinha deixado de ir à loja em meados de maio, porque o calor me dava enjoo, e tínhamos contratado uma garota para nos ajudar nas horas e dias de mais movimento. Naquela noite, eu estava usando um vestido dos meus tempos de adolescente hippie, leve e solto como uma camisola. Também usava o cabelo solto e uns brincos compridos que tilintavam quando mexia a cabeça. Ele vestia uma camiseta furada do AC/DC (era de não sei de que show lendário, e já tinha me avisado para nem pensar em jogá-la fora ou rasgá-la para fazer panos, por mais buracos que tivesse) e o cabelo e a barba estavam um pouco compridos, como na época em que tocava na banda. Acariciei sua bochecha suada e, ao me inclinar para beijá-lo, percebi que o cabelo ainda cheirava a frango, mesmo depois do banho. O meu já não. Às vezes eu o levava ao nariz e aspirava o perfume floral do xampu, sem acreditar. Pensei que fazia muitos dias que a gente não se beijava, e isso me deixou triste. Estávamos muito cansados. Então o garçom veio e disse que os croquetes de presunto tinham acabado, que só restavam os de frango. Caímos na risada. Ele disse ao rapaz, meio confuso: “Então traz umas batatas bravas pra gente, por favor.” E, quando ficamos sozinhos, ele segurou minha mão por um instante, colocou-a sobre o joelho e me fez um de seus carinhos tímidos. Naquela noite, fizemos amor. Já fazia vários dias que não acontecia, e com os preparativos para a chegada da bebê, eu nem tinha sentido falta. Na verdade, eu não me sentia nem um pouco atraente com aquela barriga enorme e os braços gordos e flácidos. Mas, se ele também não tinha sentido falta, talvez isso fosse preocupante, não? Será que era porque não sentia mais atração por mim? Não tive coragem

de responder a mim mesma, e comecei a me angustiar também com essa dúvida, que se somou a todas as outras. Será que saberíamos exercer a função de pais? Será que eu saberia dar à luz? Eu temia esse momento intrigante e doloroso, que não demorou a chegar, e que, de repente, já tinha passado. Como por milagre, aquelas treze horas insuportáveis de sofrimento e angústia ficaram embaçadas num canto do meu cérebro, e a menina estava ali: viva, úmida, macia e quente contra o meu peito. Ela tinha chorado muito e agora respirava, mexia as mãos e a boca, abriu os olhos — olhos escuros e confiantes — e, de repente, diante daquela criaturinha perfeita, o mundo inteiro, com seus problemas e falhas, parecia insignificante. Por um instante, uma alegria imensa me invadiu e tomou conta de tudo. Ela era minha, minha, minha — e um pouquinho do meu marido, sim, mas no fundo era *minha*. E às vezes me apavorava que fosse assim! Nas semanas seguintes, eu só vivi por ela. Era um cuidado estranho, intenso, cheio de explosões de euforia, mas cada vez mais melancólico. Com o tempo, fui entendendo: era medo. E eu me sentia culpada por ter trazido ao mundo um ser que, agora eu via, era tão indefeso e frágil que só de pensar nisso me dava arrepios. Ela ia sofrer, claro que ia. Ia sofrer como todos, e mais cedo ou mais tarde ia morrer, como todos. E eu não queria que ela sofresse, não queria que morresse. Queria protegê-la de tudo, afastar todos os perigos, mantê-la nos meus braços para sempre — segura, adormecida, inocente. Passava horas e horas com a menina no colo depois de amamentar, divagando e me preocupando. Às vezes eu passava o dia inteiro fantasiando, entre os cochilos da pequena e os meus. Em alguns momentos, eu a imaginava forte, radiante, uma mulher decidida e segura de si, com um homem forte e gentil ao seu lado. Em outros, não conseguia tirar da cabeça a imagem de uma garota magra e com olheiras, o tipo clássico de mulherzinha vulnerável, presa fácil para todo tipo de gente ruim, os olhos sempre baixos, a boca contraída, o passo hesitante. Depois de algumas semanas, a inquietação

começou a me consumir. Dormia pouco e, quando dormia, tinha pesadelos. A menina era tudo, tudo girava em torno dela, só pensava nela. Ele também estava lá, sim, mas eu só o enxergava de relance, como por entre uma névoa. Já não era o mesmo de antes: agora ele era, acima de tudo, o pai da minha filha, alguém que se desdobrava por ela e que me ajudava a protegê-la com aquelas mãos enormes, que a pegavam com um cuidado extremo, como se a filhinha fosse feita de vidro e pudesse se quebrar. Quando ele chegava à tarde, depois de fechar a loja, eu perguntava, sim, como tinha sido o dia, se estava cansado, o de sempre. Mas não o ouvia de verdade. Na realidade, só esperava, impaciente, que ele terminasse de falar para eu contar alguma coisa nova que a menina tivesse feito ou, se o dia tivesse sido ruim, para despejar os medos que tinham me atormentado ao longo das horas, aquelas doenças improváveis descritas nas revistas para mães angustiadas. Quando meus temores tinham algum fundamento — se ela tinha febre, estava quieta demais ou tossia —, eu congelava. Quase queria adiar a ida ao médico de tanto pavor: aquele momento terrível de sentar diante do jaleco branco e ouvir que era uma meningite, uma pneumonia resistente a antibióticos, um daqueles cânceres infantis que arrepiam só de pensar. Eu ficava paralisada, olhando para ela e olhando para ele. Quando ele dizia que devíamos levá-la ao posto de saúde ou ao pronto-socorro, meus olhos se enchiam d'água ou eu explodia num ataque de mau humor. No começo, ele ainda tentava brincar: “Lá vem a tigresa-de-bengala, todo mundo corra!” Mas as tentativas dele de me acalmar só me irritavam ainda mais. No fim, ele suspirava... e já não dizia mais nada. É estranho, mas não me lembro de nenhum momento específico com ele durante aqueles meses de pânico. Devia continuar usando as mesmas camisetas de bandas de rock, porque eram as únicas que tinha (além de, sim, duas camisas para casamentos), devia continuar cheirando a frango como sempre, mas eu não via nem sentia nada. Não prestava atenção em nada além dela. Anos depois, voltei a abrir

aquele primeiro álbum de família e fiquei surpresa ao ver que, em algumas fotos, ele estava sem barba. Com muito esforço, me lembrei de que, em algum momento, ele a tinha raspado, mas fui totalmente incapaz de recordar quando, ou por quê, ou até se tinha ficado barbeado por semanas, meses ou apenas alguns dias. Continuei naquele estado de angústia febril até que a bebê completou cinco meses. Então, numa tarde de sábado, minha mãe veio me visitar com um par de sapatinhos de crochê que tinha feito para a menina, e nos sentamos para tomar um café. Ela tinha trazido biscoitos amanteigados, e eu comecei a devorá-los um atrás do outro, sem conseguir me controlar. Depois de rodar várias vezes a xícara de café nas mãos e morder delicadamente metade de um biscoito, minha mãe insinuou, com muito cuidado, que talvez eu estivesse tempo demais trancada em casa e absorvida demais pela menina, e que isso não podia ser bom nem para ela, nem para mim. Ganhando coragem diante do meu silêncio, acrescentou que eu também devia cuidar um pouco mais do meu marido. Mas eu já cuidava um pouco dele, não? Minha primeira reação, também com ela, foi de fúria. Mais tarde, depois de tê-la praticamente enxotado com pouca cerimônia, voltei a me sentar, respirei fundo e comi mais alguns biscoitos. E aí veio aquela sensação tão familiar: o nó no estômago, a angústia da dúvida e do remorso. Sim, era verdade, eu quase nunca me lembrava dele. E eu também entendia, embora minhas emoções dissessem o contrário, que essa atenção obsessiva podia acabar prejudicando minha filha. Fiquei mais alguns minutos no sofá comendo o resto dos biscoitos amanteigados enquanto refletia sobre tudo aquilo. Quando terminei, sacudi as forminhas de papel dentro da lata e despejei o que sobrou na boca, mastigando como uma autômata os últimos pedaços de biscoito e os grãos de açúcar cristal. Em seguida, me levantei para dar uma olhada na bebê, que dormia no berço. Como sempre acontecia quando eu me aproximava dela enquanto dormia, prenda a respiração sem querer, com medo de encontrá-la azul e imóvel, vítima

de uma daquelas mortes súbitas horríveis que as revistas tanto mencionavam. Fui até o banheiro, acendi a luz, e não me surpreendi ao encontrar meu velho amigo, o panda, no espelho: agora, as olheiras escuras não vinham de maquiagem borrada. Não. Eram o rastro das noites maldormidas, da angústia, da inatividade e da monotonia. Senti um pouco de pena daquela mulher de olheiras profundas, com o cabelo oleoso, não porque tivesse passado seis horas numa loja de frango assado, mas porque fazia uma semana que não o lavava, já que, para ela, tanto fazia se estava limpo ou sujo. Que importância tinha estar com o cabelo limpo ou sujo, diante de uma menina que precisava de mim o tempo todo? Bem... talvez até tivesse alguma importância. E talvez ela não precisasse de mim o tempo todo. Agora mesmo dormia um sono tranquilo: as bochechas rosadas, a respiração regular, as mãozinhas fechadas ao lado do rosto, as unhas perfeitas, bem lixadas e limpas. As minhas, em contraste, estavam longas e sujas. Uma delas se quebrara dias atrás e eu ainda não tinha me dado ao trabalho de lixá-la, embora vivesse enganchando-a por todo lado e fosse muito irritante. E aquele moletom que eu usava? De um laranja desbotado, manchado de golfadas de leite, baba e respingos de óleo... Sim, dava mesmo um pouco de pena. Liguei para minha mãe, pedi desculpas pelo ataque de mau humor e disse, com o orgulho apertando a garganta, que talvez ela tivesse razão. Quando ela tentou reforçar o argumento, tive vontade de gritar de novo, mas me segurei: “Sim, já disse que talvez você tenha razão. Mas não insista, tá?” Voltei para junto da menina, olhei as horas e decidi que ainda dava tempo de tomar banho. Era a primeira vez que eu me atrevia a tomar banho sem que ele ficasse de olho nela. Mesmo quando ele estava por perto, eu sempre fazia tudo às pressas: ensaboava o corpo e a cabeça de qualquer jeito, com a água correndo e o sabão entrando nos olhos. Dessa vez, deixei a porta aberta, tentei me despirmo com calma e me concentrei no jato de água aquecendo a pele e soltando os músculos. Peguei o xampu novo, o que tinha cheiro